

**A FORMAÇÃO TERRITORIAL DA CONURBAÇÃO GUIA LOPES - JARDIM-MS:  
DA LAGUNA À CER-3**

THE TERRITORIAL FORMATION OF THE CONURBATION GUIA LOPES - JARDIM-  
MS: FROM THE LAGUNA TO CER-3

LA FORMATION TERRITORIALE DE L'AGGLOMÉRATION GUIA LOPES - JARDIM-  
MS: DE LAGUNA À CER-3

**Eduardo Henrique de Oliveira Lima<sup>1</sup>**

**Evandro Dias da Silva<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este artigo busca analisar a formação territorial dos municípios de Guia Lopes da Laguna e Jardim, separados e unidos pelo rio Miranda. Esta conurbação tem origem na ação dos militares do Exército, tendo como recorte temporal o período que vai da fundação da Fazenda Jardim (1858), ao funcionamento da Comissão de Estradas de Rodagem nº 3 (CER-3), entre 1945 e 1984. A questão central deste trabalho é analisar o surgimento e o desenvolvimento de Guia Lopes da Laguna e de Jardim, localizadas na porção Sudoeste do Mato Grosso do Sul. Para tanto, traçamos um panorama histórico-geográfico desse espaço, para explicar os processos pelos quais o Exército Brasileiro atuou como facilitador da integração, ocupação, e consequente povoamento desta porção territorial ao restante do país. O método histórico foi utilizado de modo a concatenar esta trajetória.

**Palavras-chave:** Formação Territorial; Conurbação; Retirada da Laguna; CER-3; Integração

**Abstract:** This article seeks to analyze the territorial formation of the municipalities of Guia Lopes da Laguna and Jardim, separated and united by the Miranda River. This conurbation has its origins in the action of the Army's military, with the period between the foundation of Fazenda Jardim (1858) and the operation of Highway Commission No. 3 (CER-3), between 1945 and 1984. central issue of this work is to analyze the emergence and development of Guia Lopes da Laguna and Jardim, located in the Southwest portion of Mato Grosso do Sul. To do so, we draw a historical-geographical panorama of this space, to explain the processes by which the Army Brazilian acted as a facilitator of integration, occupation, and consequent settlement of this territorial portion to the rest of the country. The historical method was used in order to concatenate this trajectory.

**Keywords:** Territorial Formation; Conurbation; Withdrawal from Laguna; CER-3. Integration

**Résumé:** Cet article cherche à analyser la formation territoriale des municipalités de Guia Lopes da Laguna et Jardim, séparées et unies par la rivière Miranda. Cette agglomération trouve ses origines dans l'action des militaires de l'armée, avec la période comprise entre la

---

<sup>1</sup> Licenciado em Geografia. Exército Brasileiro. E-mail: [dhuardhu@yahoo.com.br](mailto:dhuardhu@yahoo.com.br). Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/0270376051035665>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-1950-8421>.

<sup>2</sup> Licenciado em História. Exército Brasileiro. E-mail: [sgtevandrodias@gmail.com](mailto:sgtevandrodias@gmail.com). Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/2831533825713207>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3168-7653>.

fundação de Fazenda Jardim (1858) et le fonctionnement de la Commission routière n ° 3 (CER-3), entre 1945 et 1984. L'enjeu central de ce travail est d'analyser l'émergence et le développement de Guia Lopes da Laguna et Jardim, situés dans la partie sud-ouest du Mato Grosso do Sul. Pour ce faire, nous dressons un panorama historique-géographique de cet espace, afin d'expliquer les processus par lesquels l'armée Le Brésil a agi en tant que facilitateur de l'intégration, de l'occupation et de la colonisation consécutive de cette partie territoriale avec le reste du pays. La méthode historique a été utilisée pour concaténer cette trajectoire.

**Mots clés:** Formation territoriale; Agglomération; Retrait de Laguna; CER-3. L'intégration

## Introdução

O Estado entendido “como um aparato governamental, administrativo e coercitivo dentro de uma dada sociedade” (ISUANI, 1984, p. 8), conduziu, no geral, a formação territorial. Os sertões sul-mato-grossenses não fugiram à regra.

“A formação brasileira é exemplar (...). A expansão territorial - despovoadora na perspectiva dos índios, povoadora na ótica do colonizador - marcou o desenvolvimento histórico do Brasil” (MORAES, 1999, p.2). A conurbação<sup>3</sup> em tela é fruto dessa visão paradoxal, sendo a sua formação e desenvolvimento consequência direta da ação estatal enquanto agente da produção espacial. Este artigo objetiva analisar e refletir acerca deste complexo processo.

Costa (2013, p. 18) ensina que “toda sociedade que delimita um espaço de vivência e produção e se organiza para dominá-lo, transforma-o em seu território”. Desde o século XIX, o governo imperial, e depois o republicano, buscaram manter as fronteiras<sup>4</sup> conquistadas, integrando-as de modo a efetivar este recorte como seu. Nesse processo, o Exército foi a principal ferramenta de Estado tanto no estabelecimento das fronteiras quanto na manutenção da ordem social.

Nos países de formação colonial a dimensão espacial adquire singular relevo na explicação dos processos sociais e da vida política em particular. Neles, a Geografia emerge como uma determinação básica, reveladora de motivações e como instância explicativa de estruturas e práticas históricas (MORAES, 1999, p. 1)

A ação militar foi de grande influência, tanto socialmente como politicamente, no recorte analisado. Exerceu papel destacado na construção de um ideal de Nação no Oeste do

---

<sup>3</sup> Coalescência de várias cidades e sua fusão em uma única área metropolitana. Verbetes do *Michaelis Online*, disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=MAaB>. Acesso em: 03/02/2021.

<sup>4</sup> Vale ressaltar que fronteira é um conceito de múltiplos significados, nos atemos à concepção ratzeliana de “limite político entre os Estados-nacionais” (NOGUEIRA, 2007, p. 3).

Brasil. O Sul do então Mato Grosso (SMT), especialmente as áreas cortadas pelos rios Apa, Miranda, Nioaque e Aquidauana, constituíram-se como centrais para as dinâmicas territoriais.

“O mote colonial da conquista repõe-se cotidianamente na prática estatal. O território, e não o povo, sendo o alvo prioritário das políticas públicas” (*ibidem*, p. 2). O processo de “conquista” dos sertões sul-mato-grossenses é a materialização desta premissa.

### **Procedimentos Metodológicos**

Este artigo apresenta uma abordagem dialética, considerando os diferentes interesses e conflitos existentes ao longo da análise (LAKATOS, 2003). Além disso, utiliza como ferramenta o método histórico, aquele que “consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade” (*ibidem*, p. 107).

### **As primeiras tentativas de ocupação pelo “homem branco”**

A porção onde hoje ficam os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul foi palco de disputas coloniais entre europeus (portugueses e espanhóis) e nativos. Ainda no século XVI, a região se transformou em lugar estratégico por dar acesso a riquezas minerais do Norte, às populações nativas “domesticadas” pelos jesuítas e a campos propícios à pecuária (CAMPESTRINI; GUIMARÃES, 1991).

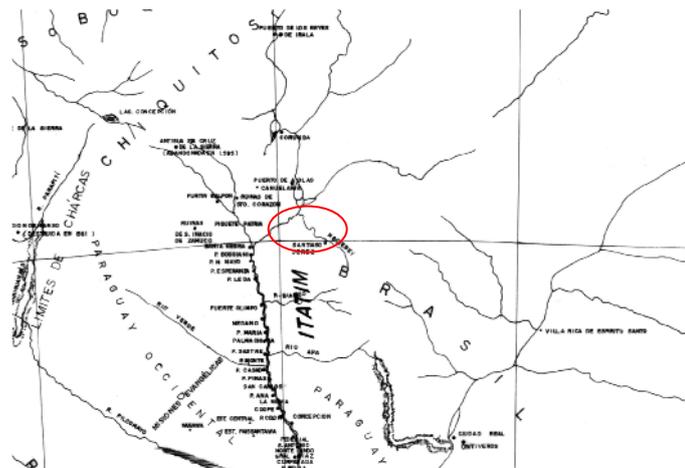
A guerra mostraria para o Império a necessidade urgente de integrar os “sertões” do Brasil ao resto da nação. Muito antes da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), o SMT havia sido palco de disputas que deixaram clara a importância geográfica e estratégica do Oeste do território que hoje pertence ao Brasil. Dessa forma, ocupava papel central no contexto dessas disputas que objetivavam o controle de rotas de deslocamento (*ibidem*).

Estava no meio de uma importante rota de comunicação que ligava Assunção a São Paulo, e ambas à Bolívia e ao Peru (COLAVITE; BARROS, 2009). Os rios foram os principais meios de comunicação e transporte (hidrovias) dessa região até o início do século XX, quando chegaram as linhas telegráficas, os trilhos e as primeiras estradas de rodagem (LIMA; MATTOS, 2018).

Com o avanço da ocupação europeia, o tráfego pelos “sertões”, se intensificou. Após a descoberta de riquezas minerais no Peru, portugueses e espanhóis convergiram suas ações em direção àquela região, o que colocou o território do atual Mato Grosso do Sul em suas rotas de passagem (ESSELIN, 2011).

A invasão bandeirante ao povoado espanhol de Santiago de Xerez<sup>5</sup> (Imagem 1), em 1632, possibilitou a hegemonia luso-brasileira sobre as rotas que levavam às populações indígenas (adaptadas ao trabalho pela ação catequizadora conduzida por jesuítas), aos campos propícios para criação de gado vacum e cavalari, às riquezas do Peru, e posteriormente, às minas de Cuiabá (*ibidem*).

**Imagem 1** - Itatim ocupado pelos espanhóis no final do século XVI (destaque para de Santiago de Xerez).



**Fonte:** Adaptado de BAEZ (1991) *apud* ESSELIN (2011).

Com a infiltração bandeirante para além da linha do Tratado de Tordesilhas (1494), os portugueses passaram a controlar a região entre as bacias do rio Paraná e do rio Paraguai. Os bandeirantes serviram aos propósitos militares e políticos da Coroa portuguesa no que diz respeito à exploração, ocupação e controle dos territórios a Oeste da Colônia. A partir do século XIX coube ao Exército Brasileiro esse papel (*ibidem*).

Desde o avanço bandeirante, por dois séculos (XVII-XVIII), os luso-brasileiros buscaram se estabelecer a Oeste de suas possessões, construindo fortes e entrepostos, e com isso, impedir o avanço da colonização espanhola.

Após a criação da Capitania de Mato Grosso em 1748, “os portugueses desencadearam um projeto de governo que resultou no estabelecimento de presídios guarnecidos por tropas estrategicamente situadas nos limites do Império” (*ibidem*, p.117). Alguns dos primeiros empreendimentos fortificados na linha de fronteira foram: Forte de Coimbra (1775) e o

<sup>5</sup> Primeiro núcleo urbano do Mato Grosso do Sul (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2010).

povoado de Albuquerque (1778), ambos no rio Paraguai, e o presídio de Miranda (1797), próximo às conhecidas rotas dos rios Miranda e Aquidauana.

Em meados do século XIX, o Império brasileiro criou no SMT as primeiras colônias militares com objetivos de povoamento, defesa dos territórios e integração do Oeste do Brasil ao restante do Império. O pano de fundo era a histórica disputa por territórios iniciada pelas Coroas ibéricas e dificuldade de efetivamente ocupar aquela região.

Esse litígio territorial viria à tona por ocasião da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. Com a eclosão do conflito, em fins de 1864, o Paraguai tentaria anexar uma parte do SMT, iniciando assim a guerra (FILHO, 2016).

Após a invasão paraguaia, já em 1867, a expedição militar comandada pelo Coronel Carlos Camisão avançou até a fronteira, adentrando no território inimigo até a internada da Laguna, a alguns quilômetros de Bella Vista Norte, no lado Paraguaio (LIMA; SILVA, 2019). Contudo, a resistência inimiga e as más condições do tempo e do terreno contribuíram para que a missão fosse malsucedida, levando à Epopeia da Retirada da Laguna.

Apenas em 1870, encerrada a Guerra, abre-se uma janela de oportunidade para a ocupação definitiva da Província do Mato Grosso, aproveitando-se em muito, da diáspora paraguaia (LIMA; MATTOS, 2018). Diante de um país devastado (AMAYO, 1995), muitos paraguaios migravam em busca de melhores condições de vida.

### **Adensamento populacional no Mato Grosso**

Sendo desconsiderados os povos tradicionais presentes em toda a província, a ideia sempre foi de que a região é vazia demograficamente. Somado a isso, a ignorância de uma região que até então havia despertado pouco interesse do restante do país, sempre abriu espaço para muitos mitos e preconceitos em relação ao Mato Grosso.

Fonseca (2014, p. 2) entende vazios demográficos “por regiões “despovoadas” de população branca, no entanto, o estado de Mato Grosso era muito povoado por populações indígenas. O sertão mato-grossense era visto (...) como uma terra sem lei (...), habitada por (...) selvagens”.

Dentro desse contexto, poucos brancos se dispunham a explorar esta região. Para se ter uma noção, o SMT foi começar a ser “ocupado” apenas no século XIX. Os poucos que se aventuraram, foram consagrados como pioneiros, e serão citados mais à frente.

Após a independência (1822), o Brasil se viu dividido em dois setores que disputavam poder: de um lado os nativos (liberais), que desejavam uma maior autonomia provincial; do outro lado os portugueses (conservadores) que desejavam a manutenção da sua condição privilegiada socialmente.

No Período Regencial (1831-1840), as tensões se acirraram, dando brecha para diversas rebeliões pelo país. Daí surge a Rusga (1834) que buscava, literalmente, eliminar todos os portugueses que formavam a elite político-comercial local.

Desde fins do século XVIII, com a crise da economia do ouro, que o desenvolvimento da região se pautava pela decadência material (...). Finalmente, a situação de decadência foi agravada pela Rusga, ou Rebelião Cuiabana (1834), “movimento nativista” que se voltou contra a burguesia Comercial portuguesa, então dominante: comerciantes foram mortos e perseguidos, casas comerciais foram saqueadas, e os que conseguiram colocar-se a salvo fugiram da Província em seguida (ALVES, 2017, p. 12).

Com o declínio da atividade mineradora, a Rusga foi o estopim para a dispersão dos contingentes concentrados em Cuiabá, inaugurando um novo momento da formação territorial mato-grossense.

A partir daí, a pecuária se torna a principal atividade econômica mato-grossense. As terras a serem ocupadas se tornaram o meio de produção a impulsionar a economia local.

“Atingindo o vácuo (como então era conhecido o Bolsão), (...) encontraram fazendeiros ali estabelecidos desde 1829; (...), trazidos pelo fazendeiro José Garcia Leal a ocupar (a partir de 1836) o cargo de “diretor da povoação” (...) (CAMPESTRINI; GUIMARÃES, 1991, p. 35).

José Garcia Leal pode ser considerado vanguardista, visionário, empreendedor original do “sonho sul-mato-grossense”. Sem qualquer apoio estatal, de certa forma, agindo clandestinamente, trouxe os primeiros brancos para a região.



As fronteiras são a epiderme dos Estados, segundo Rudolf Kjellen, e a partir delas, acontece o “jogo de pressão” (MATTOS, 2011, p.13). “A pressão fronteiriça tem sido o primeiro passo para a desarmonia e o conflito entre os Estados” (*ibidem*). Neste jogo, as disputas pelos recursos (ou ativos: sejam eles naturais, tecnológicos, virtuais, financeiros, políticos, econômicos, etc) tornam as fronteiras um ambiente de tensão.

Sendo assim, podemos encarar a disputa por esta porção territorial que vem a desembocar em guerra, uma disputa por mercado, não somente pelas Nações envolvidas, mas sobretudo, por suas elites comerciais ávidas por participar, mesmo que de forma subalternizada, da expansão econômica mundial decorrente da Revolução Industrial (século XVII-XIX).

### **A Guerra da Tríplice Aliança**

Procuramos pensar a atuação do Exército no Sudoeste de Mato Grosso do Sul como representante dos interesses do Estado brasileiro para aquela região fronteiriça entre meados do século XIX e meados do século XX.

Entre 1864 e 1870, a contingência da guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai levou uma Expedição Militar para a Fronteira Oeste. Nesta ocasião, a Comissão de Engenheiros iniciou os trabalhos de levantamento topográfico de uma região até então pouco explorada e pouco conhecida pelo Governo Imperial (TAUNAY, 1994).

Esta busca pelo conhecimento desta porção territorial em histórico litígio, era provocada por um contexto bastante diverso. De um lado, as repúblicas platinas (Confederação Argentina, República do Paraguai, e Banda Oriental), de outro, o Império Brasileiro.

O Brasil, de administração portuguesa enquanto Colônia, manteve seu território basicamente íntegro. Enquanto isso, a América Espanhola se fragmentou em diferentes nações. Temos ao longo do século XIX, o Brasil elevado à Corte em 1808 (GOMES, 2014), enquanto seus vizinhos, de administração espanhola, alcançando a independência, aproveitando-se das Guerras Napoleônicas<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> “Invasão da Espanha pelos franceses influenciou independências na América Latina”. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/invas%C3%A3o-da-espanha-pelos-franceses-influenciou-independ%C3%A2ncias-na-am%C3%A9rica-latina/a-5272750>. Acesso em: 06/02/2021.

Estes e outros contrastes começaram a ser “resolvidos” a partir da invasão paraguaia ao território brasileiro. Esta ação seria uma retaliação à intervenção brasileira na Banda Oriental em 1863 (LIMA; SILVA, 2019).

### **Do Jardim de sangue, suor e lágrimas, nasce a brasilidade**

Em fins de 1864, o exército paraguaio invadiu o sul da província do Mato Grosso, no contexto da Guerra da Tríplice Aliança. Avançando pelo rio Paraguai, tomou o Forte de Coimbra, a Vila de Corumbá, maior entreposto comercial da província do Mato Grosso, e a Vila de Albuquerque, chegando próximo da região conhecida como Sará (TAUNAY, 1871).

Por terra, a partir de Bella Vista Norte, próximo à fronteira sul da província de Mato Grosso, os paraguaios tomaram o arco formado pelas colônias militares de Dourados, do Miranda, de Nioaque e a Vila de Miranda, prosseguindo até Coxim. Como resposta, o Governo Imperial organizou tropas para fazer frente ao ataque. Durante quase dois anos, saindo do Rio de Janeiro, soldados do Império marcharam em direção à fronteira do Mato Grosso com o Paraguai (*ibidem*).

No início de 1867, a Coluna estava estacionada em Nioaque quando o Sr. José Francisco Lopes se apresentou como voluntário para guiar a tropa até a fronteira. Durante o dramático retorno da tropa, em manobra conhecida como retirada, viria a se tornar o “Guia Lopes da Laguna”. Sua grande motivação era o fato de sua família ter sido sequestrada pelos paraguaios durante a invasão de 1864.

Em 25 de fevereiro de 1867, as tropas avançaram em direção ao rio Apa, divisa do Império com o Norte da República do Paraguai. Já em solo paraguaio, as tropas imperiais alcançam a Fazenda Laguna, nada encontrando além de desolação. Não havia o que pudesse ser aproveitado (GUIMARÃES, 1999).

Era hora de ordenar a retirada. Começou assim, em 8 de maio de 1867, a famosa marcha eternizada pelo Visconde de Taunay, a Retirada da Laguna. A partir daquele momento, e por pouco mais de um mês, os soldados brasileiros sofreriam as mais amargas penas numa porção territorial que, atualmente, vai de Bela Vista a Anastácio, passando por Jardim, Guia Lopes da Laguna e Nioaque (*ibidem*).

Após os fatídicos acontecimentos do Cambaracê (26/05/1867), o que restou da Coluna Camisão chega à margem oposta da Fazenda Jardim e ficam detidos por cinco dias (27/05-31/05/1867) por conta de fortes chuvas. Somente conseguem ultrapassar o rio Miranda já no

primeiro dia de junho. O Guia Lopes já havia falecido no trajeto entre a Mata do Cambaracê e aquela posição. “No momento de ali chegar expirou o nobre velho, insensível à vista daquilo que tanto amara. Foi enterrado no meio do nosso acampamento, em terra que era sua” (*ibidem*, p. 135).

Nesta espera, ocorrem baixas importantes (Coronel Camisão e Tenente-Coronel Juvêncio). “Descansam os nossos infelizes chefes à esquerda do Miranda (...), e em altura correspondente à estância do Jardim, à margem direita (...) é de se esperar que (...), aponte à memória dos brasileiros o lugar que recebeu os despojos destas nobres vítimas do dever” (TAUNAY, 1871, p. 141-142).

Esses e outros personagens foram enterrados junto com tantos outros heróis anônimos, naquele acampamento, às margens do Miranda. Com o baixar das águas, a Coluna seguiu sob o comando do Major José Tomás Gonçalves, deixando para trás um assombroso cemitério de campanha, que seria lembrado para sempre (Cemitério dos Heróis da Retirada da Laguna).

O suplício dos que sobreviveram ainda duraria alguns dias. Foram à Nioaque, onde uma explosão na igreja da vila, armadilhada pelos paraguaios, tirou a vida de cerca de quinze soldados do Império. De lá, rumaram para o Norte, até chegarem, em 11 de junho de 1867, ao Porto do Canuto, no rio Aquidauana, hoje município de Anastácio. Terminava assim a epopeia desses heróis brasileiros (GUIMARÃES, 1999)

Com o fim da guerra (1870), a vida começou a voltar à sua normalidade na Fazenda Jardim, no sul da Província do Mato Grosso. Era chegada a hora de reconstruir a vida. Iniciava-se a história do resgate da memória daqueles que tombaram naquele solo.

Já na década de 1930, o cemitério passou a ser visitado por militares em diversas operações. Com o início dos trabalhos de abertura de estrada, o acampamento militar montado na Fazenda Jardim se tornou parada certa para as cerimônias militares em memória aos heróis da Guerra da Tríplice Aliança.

### **Desorganização do espaço e retomada da ocupação**

O fim de qualquer guerra apresenta um cenário caótico de destruição, não somente de vidas, mas do tecido social nela envolvido. Era natural que, sobretudo os paraguaios, com um país devassado pelo desfecho com a derrota, buscassem nos países vizinhos oportunidades para seguir em frente.

“Sua hibridez cultural característica deve-se tanto à proximidade geográfica, quanto à diáspora paraguaia no pós-guerra, devido à calamidade social então instalada, havendo consideráveis contingentes migrando para o SMT” (LIMA; MATTOS, 2018, p.22).

Este “*uti possidetis*” cultural exercido pelos paraguaios (*ibidem*, p.16) não foi fruto do acaso. “Sem uma saída para sua produção, aquela província tendia a ser atraída para a órbita comercial e política do Paraguai (...)” (MAESTRI, 2016, p. 251).

Daí a determinação do Império Brasileiro ao longo de todo o século XIX em obter a livre navegação da Bacia do Prata: era uma questão de soberania (política, econômica e cultural). “O papel do Estado é, portanto, o de viabilizador da conquista (...). A ação governamental é pensada como geográfica por excelência” (MORAES, 1999, p. 3).

No pós-guerra, a presença paraguaia no SMT, passa a ser mais efetiva, a partir das migrações diaspóricas. Boa parte dessa mão-de-obra é absorvida pelos ervais, por um importante empregador, que em terras sul-mato-grossenses alcançou magnitude sem precedentes.

### **Matte Laranjeira: um enclave<sup>8</sup> no meridiano mato-grossense**

A CML (Companhia Matte Laranjeira) arrecadou até “seis vezes mais que o próprio governo do Mato Grosso, tendo em uma de suas renovações de contrato emprestado dinheiro para este a juros 8% ao ano (...) chegava ao ponto de fomentar diversos movimentos (alguns separatistas)” (LIMA; MATTOS, 2018, p. 2).

Politicamente, a Companhia era um agente de desestabilização, sem qualquer pudor. Buscando, a todo o momento, empreender tudo o que fosse mais conveniente para a perpetuação dos seus negócios. Sendo assim, a empresa era vista como “inimiga do projeto de colonização varguista” (GUILLEN, 1999, p. 76).

A Companhia Mate-Laranjeira, entre 1891 e 1902, e a Laranjeira, Mendes & Cia., sua sucessora (...), monopolizaram a exploração da erva-mate numa área arrendada junto ao Estado que excedia a 3 milhões de hectares, reduzida em 1916 para 1,8 milhão de hectares. A última dessas empresas, além da área arrendada, dispunha de 271.026 hectares em 1923, adquiridos através de compra, nos municípios de Bela Vista e Ponta Porã (ALVES, 2017, p.43).

---

<sup>8</sup> Território, terreno ou pequeno estado autônomo enclavado em outro. Verbetes do Michaelis Online, disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?palavra=enclave&r=0&f=0&t=0>. Acesso em: 12/02/2021.

Àquela altura, Vargas não estava mais disposto a tolerar toda a autonomia da Companhia e resolve, em 1938, acabar com a renovação dos contratos de arrendamento com a Companhia Matte Laranjeira. Adotou como estratégia delinear uma política de intervenção em seus negócios da erva-mate (LENHARO, 1986).

### **As três tentativas de integração do Mato Grosso**

Nas estradas carreteiras somente os carros-de-boi eram capazes de vencer as intempéries, seja do solo pantaneiro, seja do Cerrado. A densa hidrografia do SMT era a principal forma de escoamento dos fluxos de pessoas e bens. Com o início do século XX, o Estado empreende medidas em busca da melhoria da mobilidade.

“Até o fim do século XIX, os deslocamentos eram majoritariamente fluviais. Contudo, após as primeiras décadas do século seguinte, o sul do Mato Grosso já contava com 17 estações telegráficas e com a linha de ferro da companhia Noroeste do Brasil” (LIMA; MATTOS, 2018, p. 8).

A ação integradora do Estado, a partir do século XX, busca diminuir as distâncias dos sertões mato-grossenses. Esta iniciativa se divide em três momentos complementares: o lançamento de rede telegráfica, a construção de ferrovia e a abertura de estradas de rodagem.

### **A ação integradora do Estado**

No início do século XX, já na recém-nascida República (1889), o telégrafo foi a primeira ação estatal de integração do SMT ao restante do país. A partir do momento em que um recorte espacial é integrado, sua ocupação se torna viável.

“Na primeira década, foram lançadas diversas estações telegráficas, como: Aquidauana (1903), Corumbá (1904), Nioaque (1904)” (*ibidem*). Harvey (2006) ensina que a compressão do espaço-tempo, um fenômeno característico do modo de produção capitalista, nasce dessa necessidade de reduzir o giro de capital. As grandes distâncias impactam profundamente nos custos de produção. Em prol do “desenvolvimento”, a rede telegráfica começa a rasgar os sertões do Mato Grosso.

Em 1905, inicia uma nova iniciativa de integração, complementar à primeira, nela “destaca-se o papel fundamental exercido pela construção de ferrovias e de linhas telegráficas. Pois enquanto o trem facilitava o trânsito de tropas, pessoas e mercadorias, o telégrafo

garantiria a comunicação rápida entre as diversas regiões do país” (DOMINGUES, 2010, p. 1).

A estrada de ferro estabelece um importante corredor de escoamento de bens, pessoas e capitais. Além disso, sua utilização para fins militares foi bastante marcante, se levarmos em conta a fundação do Estado de Maracaju, ligada ao contexto da Revolução Constitucionalista, ambas em 1932 (LIMA; MATTOS, 2018).

Neste período de forte ebulição político-social, a Ferrovia Noroeste do Brasil (NOB) teve total protagonismo, devido à exclusividade no transporte das tropas, tanto revolucionárias, como governistas. Porém, a importância da ferrovia não para por aí.

“A NOB, além de dinamizar sobremaneira a região, ligando Porto Esperança à Bauru, possibilitou a vinda de migrantes. Com a abolição (...) ainda recente (1888), trouxe mão-de-obra não absorvida no Sudeste, necessária para os ervais” (*ibidem*, p. 9).

Finalmente, ocorre o adensamento populacional: as levadas migratórias que chegam permitem a construção da primeira colônia agrícola, a CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados) (ALVES Jr., 2003).

No entanto, ainda faltava uma ação definitiva, sobretudo que sedimentasse a mobilidade no SMT, dinamizando esta área, possuidora de extensos ervais nativos (LIMA; MATTOS, 2018) e de pecuária explorada desde a chegada dos pioneiros.

Em 1937, Vargas introduz uma marcante política pública de ocupação: a Marcha para o Oeste. Objetivava “unificar as fronteiras econômicas e políticas, garantindo a integridade nacional, que se encontrava fragmentada pela existência de grandes vazios demográficos” (RICARDO, 1970 *apud* JUNIOR *et al*, 2017, p.7).

Mais à frente, em 1943 foram criadas duas estratégias inter-relacionadas: a expedição Roncador-Xingu e a Fundação Brasil Central. A primeira visava o reconhecimento de amplo recorte territorial no Norte mato-grossense. Além disso, buscava a definição de locais estratégicos para formação de cidades, pistas de pouso e estradas. A segunda tinha como fim a implantação de núcleos populacionais, acarretando em um processo de urbanização, estabelecendo fixos para a atração e retenção de fluxos migratórios (*ibidem*).

A partir desta década, a ação militar foi fundamental na concretização da opção do Estado Brasileiro pelo modal rodoviário como principal meio de transporte nacional, abandonando o sistema ferroviário, o mais utilizado até então.

Implantada em 1945, a CER-3 teve dentre seus principais feitos “as estradas: BR-262; BR-419; BR-267 (...). Sua atuação foi dinamizadora do desenvolvimento regional” (LIMA; MATTOS, 2018, p. 12).

As rodovias substituíram, sem maiores traumas, as estradas carreteiras: rotas antiquíssimas, mas que jamais ofereceram condições para a realização de um sistema de transporte efetivo.

A partir das estradas de rodagem, é viabilizada a urbanização de Jardim e Guia Lopes. Sendo integrantes de um mesmo processo, a conurbação acabou sendo uma realidade inevitável. Com a “diminuição das distâncias através do tempo”, a mobilidade chega ao SMT.

### **Jardim e Guia Lopes Da Laguna: surge a conurbação**

A vegetação, ainda virgem, do Cerrado nativo, começou a ser superada pelos trabalhadores incumbidos da missão de abrir as primeiras estradas na região. A urbanização de ambas as cidades começa neste momento.

“Desta maneira, íamos deixando na verdejante floresta uma faixa vermelha com a abertura da estrada feita a machado, a foice, enxada, enxadão, pá, picareta, numa tarefa rija, dura (...) só com o café simples por não haver nem o pão verde-oliva (mofado)” (QUEIROZ, 1955, p.15).

As histórias da Comissão e das cidades de Guia Lopes e Jardim se fundem. Não há como separá-las. A CER-3, instalada nas terras da antiga Fazenda Jardim, do lendário Guia Lopes, originou a pequena vila, criada no ano seguinte, cujo nome de batismo buscava homenagear àquela velha fazenda. A homenagem ao seu proprietário fora antecedida, seis anos antes, com a fundação do Patrimônio de Guia Lopes da Laguna.

Depois de quase 40 anos de história em Jardim, a CER-3 encerrou suas atividades em entre 1983 e 1984. As marcas da sua existência continuaram vivas nos prédios públicos, nas estradas e pontes, nos objetos, nas pessoas que nela trabalharam. Essas testemunhas ainda têm muitas histórias pra contar.

Até os anos de 1930, Jardim era uma “paragem nos caminhos”, com destino a Bela Vista ou Porto Murtinho. A transformação começou quando militares do 6º Batalhão de Engenharia foram enviados de Aquidauana, inicialmente para Nioaque, com a missão de abertura, construção e reparo de estradas, para melhorar a ligação com a fronteira (LIMA;

MATTOS, 2018). Seguiram finalmente para a região da Fazenda Jardim, que serviu de ponto de abastecimento e repouso para os retirantes.

No acampamento montado por esses militares, na margem direita do rio Miranda, a ideia da construção de uma vila surgiu. Em torno dos militares foi sendo formado um núcleo populacional, dando origem ao Patrimônio de Guia Lopes da Laguna, em 1938, na margem direita do rio Miranda, numa área doada por um dos filhos do falecido guia.

Não demorou muito para que o simples acampamento se transformasse e ganhasse uma nova estrutura. Em 1939, os militares do 4º Batalhão Rodoviário transferiram o quartel para a margem esquerda do rio, na atual Jardim.

Nessa época, os trabalhos rodoviários prosseguiram nas estradas para Bela Vista e Porto Murtinho. Por quase seis anos, o 4º Batalhão Rodoviário (1939-1945) teve sede nas terras do Senhor Fábio Martins Barbosa, casado com Dona Deolinda Barbosa, neta do Guia Lopes. Esse batalhão foi extinto em 1945. Em seu lugar, surgiu, então, a CER- 3.

Odilon de Queiroz, militar que trabalhou nesta região desde a década de 1930 e um dos fundadores do município de Guia Lopes da Laguna, descreveu a sede do Batalhão possuindo cerca “de meia dúzia de ranchos cobertos de palha de acuri, paredes e portas de taquaruçu rachado e batido, o piso de chão natural” (QUEIROZ, 1955, p.22).

Esse acampamento militar estava, obviamente, inserido num plano de governo. A CER-3 mostrava a decisão do Governo Federal em investir na malha rodoviária como solução para o desenvolvimento e integração do interior do Brasil. A tentativa anterior, com a construção da linha telegráfica, entre 1900 e 1905, pouco havia transformado a Fazenda Jardim. Assim, na década de 1940, o Estado Brasileiro, com a CER-3, voltava à Fazenda Jardim com o projeto de construção da infraestrutura no Oeste.

Vivendo em situação precária no entorno da Comissão, os seus integrantes, militares e civis, sentiram a necessidade da fundação de uma nova vila. Coube ao comandante da CER-3 a tarefa de dar cabo a essa demanda dos trabalhadores. Em 14 de maio de 1946, sobre o solo palmilhado pelas tropas na Guerra da Tríplice Aliança, fundaram uma vila, batizando-a de Jardim, em homenagem à Fazenda do Guia Lopes da Laguna.

**Imagem 3** - Major Alberto Rodrigues da Costa, um dos fundadores de Jardim.



**Fonte:** Acervo pessoal dos autores.

À frente da CER-3, estava o Major Alberto Rodrigues da Costa (Imagem 3), o homem que deu o primeiro passo para a fundação da vila. Ele e os servidores civis e militares, que assinaram o memorial de criação da Vila Jardim, são considerados os fundadores de Jardim. Nele ficaram registradas as palavras do Comandante, considerando as precárias condições de moradia dos operários da comissão: “o meu objetivo, (...) foi fundar nesta localidade uma vila que de futuro, pelo esforço de seus próprios moradores e amparo das autoridades federais, se tornasse uma cidade” (SANTOS, 198-, p. 10-12).

Guia Lopes da Laguna e Jardim nasceram no mesmo contexto da construção de estradas dos anos 1930 e 1940, mas guardam em seus nomes as raízes profundas e marcantes dos tempos da Guerra. A CER-3 enquanto instrumento de Estado no recorte fronteiriço do Oeste brasileiro, mais do que construir estradas, pontes, prédios, passou a ser a responsável pela construção dos valores e tradições nacionais, desde a gênese dessas duas localidades.

Até sua extinção em 1984, a CER-3 entregou para esta região um legado, visível aos olhos de todos que passam pelo Sudoeste de Mato Grosso do Sul. Ela foi responsável pelas ligações rodoviárias de Campo Grande a Corumbá, de Aquidauana a Porto Murtinho e Bela Vista, de Jardim a Maracaju, Dourados e Ponta Porã.

Foram quilômetros construídos por brasileiros, paraguaios, bolivianos e outras nacionalidades. Gente anônima que trabalhou pelo Brasil. Além de pontes e estradas, a CER-3 ajudou a construir o primeiro hospital da cidade, um cinema, um clube, a primeira igreja, uma praça com coreto, a prefeitura, a primeira escola, o aeroporto, um estádio, um asilo, uma instituição para crianças carentes, entre outras realizações.

Debruçados sobre o rio Miranda (Imagem 4), Guia Lopes da Laguna e Jardim nasceram, cresceram e se desenvolveram de uma origem comum: a lendária Fazenda Jardim, propriedade de José Francisco Lopes, o famoso guia das tropas brasileiras na guerra.

**Imagem 4** - Confluência dos rios Miranda e Santo Antônio.



**Fonte:** <http://nossaterranossagentenossahistoria.blogspot.com/2012/03/capitulo-24.html>. Acesso em: 06/02/2020.

O rio Miranda é de grande importância neste contexto, não só por cortar, originalmente, a lendária fazenda, mas por ser importante também na produção econômica: atividade de pesca; irrigação das lavouras; dessedentação de animais; comércio; indústria; turismo; abastecimento da população (MATO GROSSO DO SUL, 2015).

O termo conurbação foi pensado por Patrick Geddes no início do século XX, procurando explicar o processo em que diferentes núcleos urbanos se fundem até formarem uma aglomeração maior, porém, cada um desses núcleos possui seu próprio centro, sua própria estruturação (TESSARI, 2009, p. 38).

No caso desta conurbação, vemos alguma diferença. Os dois núcleos urbanos não se encontraram após se fundirem, resultando de processos paralelos e concomitantes de expansão. Eles crescem juntos, como se de alguma forma a Fazenda Jardim, embrião deste recorte espacial, continuasse a existir.

Guia Lopes da Laguna e Jardim formam esta conurbação que rememora o repouso do velho Guia. Não é possível precisar quando este processo começou. É como se as duas cidades já tivessem nascido, magnetizadas entre si, de forma a serem a mesma terra: lar dos saborosos laranjais que saciaram os coléricos. Os feitos de José Francisco Lopes ecoam eternamente neste lugar.

### Considerações Finais

Desde a Comissão de Engenheiros, no século XIX, durante a Guerra da Tríplice Aliança, passando pelas comissões telegráficas, e depois a construção de estradas, no século seguinte, a atuação castrense foi fundamental na formação territorial da Fronteira Oeste.

Já no período colonial coube à Força Terrestre garantir a posse e ocupação deste recorte. No período pós-guerra, também operacionalizou a iniciativa estatal no sentido de construir a Nação, a República e a identidade brasileira (LIMA; MATTOS, 2018) nos rincões mais distantes do país.

As primeiras tentativas de ocupação da Fronteira Oeste pelo “homem branco” retratam a desconsideração dos povos tradicionais como ocupantes do território. A pecuária é a atividade econômica que inicialmente vai dinamizar este processo. Isto mostra o porquê de a produção de carne ser ainda hoje, junto com a produção de grãos e de cana, motor da economia regional.

O adensamento populacional no Mato Grosso tem como base política, econômica e social, a figura das fazendas. Estas têm como estopim para sua expansão a Rusga em Cuiabá, capital da então província.

Quase de forma simultânea, a este período de efervescência política, temos a chegada dos mineiros na região mais ao sul. Talvez por isso, ela tenha passado despercebida pelo Governo. Com destaque para Guia Lopes, estes pioneiros seriam importantes direta ou indiretamente para o momento mais traumático da província.

De fato, o Mato Grosso foi um território produzido com sangue: a partir da Guerra da Tríplice Aliança, do fratricídio entre as Nações platinas, temos a formação de uma Jardim de sangue, suor e lágrimas, dos heróis da Laguna. Nele vemos ser forjada este sentimento de abnegação em busca da defesa da Pátria.

A Matte Laranjeira é um capítulo à parte na história da província, sobretudo do SMT. Um agente de desestabilização político-social que se valia do seu poderio econômico para perpetuar seu predomínio, entre 1892 e 1943. Vargas não se deu por satisfeito até que conseguisse eliminar tamanho incômodo para a concretização de suas pretensões na região.

Outro ponto de destaque são as três tentativas de integração do Mato Grosso (telégrafo, ferrovia e rodovias). A soma de ambos esforços permitiu a efetiva ocupação do recorte territorial devido à integração da província ao Sudeste, sobretudo à São Paulo.

Esta ação integradora buscou criar condições para a reprodução do capital no Mato Grosso, fazendo com que mediante o progresso capitalista, a província se tornasse sustentável não somente economicamente, mas em termos de defesa do território.

Jardim e Guia Lopes da Laguna são frutos da improvável epopeia eternizada por Visconde de Taunay. A CER-3 constrói toda a infraestrutura mínima necessária para a fixação e expansão populacional. Além da urbanização, a comissão enquanto agente da produção territorial promove a cena educacional, cultural e social (LIMA; SILVA, 2019).

Enfim, a conurbação Guia Lopes - Jardim se debruça através do rio Miranda. Desde a década de 1930, com a construção da então moderna “Ponte Velha” de estrutura em arco (LIMA; MATTOS, 2018). A partir daí, os dois municípios herdeiros da Fazenda Jardim se desenvolvem de forma conjunta e complementar. Com a ponte, a distância entre ambas as margens do rio Miranda parece ter desaparecido. É como se a propriedade do Guia continuasse a existir por força do destino.

Diante do exposto, percebemos que a formação territorial de Jardim e de Guia Lopes é um processo em que as duas margens do rio Miranda sofrem o mesmo processo de urbanização, capitaneado pela CER-3.

O sangue dos heróis da Laguna marcou o solo lagunense e jardinense que, no século seguinte, seria rasgado por estradas e pontes, além de toda infraestrutura que permitiu a fixação das primeiras famílias que são a origem da atual sociedade de ambos os municípios.

Em cada palmo da conurbação Guia Lopes - Jardim fica evidente a atuação do Exército enquanto produtor do território. Esta marcou indubitavelmente a formação territorial do Sudoeste do atual Mato Grosso do Sul, em cada obra, na memória afetiva do seu povo, no coração de cada habitante deste recorte espacial.

## Referências

ALVES, Gilberto Luiz. MATO GROSSO E A HISTÓRIA: 1870-1929 (Ensaio sobre a transição do domínio econômico da casa comercial para a hegemonia do capital financeiro). **Boletim Paulista de Geografia**, n. 61, p. 5-82, 2017.

ALVES JR, Gilberto Torres. O planejamento governamental e seus reflexos na estrutura fundiária de Mato Grosso. **Caminhos de Geografia**, v. 4, n. 9, p. 17-30, 2003.

AMAYO, Enrique. A Guerra do Paraguai em perspectiva histórica. **Estudos avançados**, v. 9, n. 24, p. 255-268, 1995.

CAMPESTRINI, H.; GUIMARÃES, A. Vaz. **História de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: TJMS, 1991.

COLAVITE, Ana Paula; BARROS, Mirian Vizintim Fernandes. Geoprocessamento aplicado a estudos do caminho de Peabiru. **Revista da ANPEGE**, v. 5, n. 05, p. 86-105, 2009.

COSTA, W. M. da. **O Estado e as políticas territoriais no Brasil**. 11 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

DOMINGUES, Cesar Machado. A comissão de linhas telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas e a Integração do Noroeste. **XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio Memória e Patrimônio**. Rio de Janeiro:[sn], v. 19, 2010.

ESSELIN, Paulo Marcos. **A pecuária bovina no processo de ocupação e desenvolvimento econômico do pantanal sul-mato-grossense (1930-1910)**. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

FILHO, Orlando de Miranda. **A Ocupação do Sul de Mato Grosso na Guerra do Paraguai (1964-1870)**. Porto Alegre: FCM Editora. 2016.

FONSECA, Vinicius Rajão da. Discussões acerca da necessidade de instalação de colônias agrícolas no sul de Mato Grosso (1889-1920). **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 23, p. 145-145, 2014.

GUILLEN, Isabel C. Martins. A luta pela terra nos sertões de Mato Grosso. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 12, p. 148-168, abr. 1999.

GUIMARÃES, Acyr Vaz. **Seiscentas Léguas a pé**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

GOMES, L. **1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil**. Globo Livros, 2014.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 15. ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006.

ISUANI, E. A. Três enfoques sobre o conceito de Estado. **Revista de Ciência Política**, v. 27, n. 1, p. 35-48, 1984.

JUNIOR, V. J. Wesz et al. Transformações agrárias em Mato Grosso (Brasil): um olhar a partir dos Censos Agropecuários (1940-2006). **História Agrária. Revista de Agricultura e História Rural**, n. 72, p. 167-194, 2017.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003. 5ª ed.

LENHARO, A. **Colonização e trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste**. Campinas: Unicamp, 1986.

LIMA, Eduardo H. de O.; MATTOS, E. dos S..CER-3: Pavimentando a identidade brasileira no sul do então Mato Grosso. **Geofronter**, Campo Grande, n. 4, v. 4, p. 100-123, 2018.

\_\_\_\_\_; SILVA, Evandro Dias da. Equipamentos culturais em Jardim-MS: por que valorizá-los?. **Geofronter**, Campo Grande, n. 5, v. 4, p. 21-50, 2019.

MAESTRI, Mário. **Mar Del Plata**. Porto Alegre: FCM, 2016.

MARTINS, G. R. **Breve painel etno-histórico do Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: UFMS/FNDE, 1992.

MATTOS, Carlos de Meira. **Geopolítica**. v 3. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

MATO GROSSO DO SUL. Plano de recursos hídricos da bacia hidrográfica do rio Miranda. **Campo Grande**: IMASUL, Deméter Engenharia Ltda, 2015.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Notas sobre formação territorial e políticas ambientais no Brasil. **Revista Território**, v. 4, n. 7, p. 43-50, 1999.

NOGUEIRA, R. J. Batista. Fronteira: espaço de referência identitária. **Ateliê Geográfico**, v. 1, n. 2, p. 27-41, 2007.

QUEIROZ, Odilon. **Guia Lopes da Laguna e Jardim**. 1955

RODRIGUES, A. de J. Geografia: **introdução à ciência geográfica**. São Paulo: Avercamp, 2008.

SANTOS, Inácio Alvarez. **Jardim, 38 Anos de História**. Editora Apa, 198-.

TAUNAY, Alfredo D.'Escragnolle. Visconde de. **A Retirada de Laguna**: Episódios da Guerra do Paraguay. Rio de Janeiro: Ediouro, 1871.

\_\_\_\_\_. **Memórias**. São Paulo: Edições melhoramentos, 1994.

TESSARI, Leandro Marcos. **Processo de expansão urbana e conurbação em uma aglomeração urbana não-metropolitana no interior paulista**. 2009. 163 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2009.

ZANETTINI ARQUEOLOGIA. **Projeto Arqueológico Santiago de Xerez, Município de Aquidauana – Mato Grosso Do Sul**. Relatório Final. São Paulo: Zanettini Arqueologia, 2010.

*Recebido em 7 de agosto de 2020.  
Aceito em 09 de novembro de 2020.  
Publicado em 05 de março de 2021.*